

# *Pesquisador do Inpe considera o fenômeno cíclico no período*

A incidência de chuvas no chamado período da seca do Planalto Central não representa nada mais do que uma oscilação natural do clima da região. Quem garante é o pesquisador senior do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), Carlos Nobre. "Em 1985 choveu bastante nesse período, depois seguiram-se três anos secos. Agora em 1989 a chuva voltou", lembra.

O pesquisador não admite que tais oscilações possam estar relacionadas com as tão discutidas mudanças climáticas do planeta, que cada vez mais ganham a atenção da comunidade científica. Nada foi ainda devidamente comprovado e as teorias chegam até a se contradizer. Enquanto alguns cientistas apostam no aumento do efeito estufa, em função do acúmulo cres-

cente de determinados gases na atmosfera, como o dióxido de gás carbônico principalmente, outros garantem que o mundo caminha para uma nova era glacial.

Segundo Nobre, a teoria do aumento do efeito estufa, atualmente, é a mais aceita pela comunidade científica: "Realmente existe possibilidade de haver um aquecimento da atmosfera com o aumento da concentração de dióxido de gás carbônico no globo". Alguns estudiosos vão mais longe ainda e atestam que essa taxa de concentração, hoje em 350 partes por milhão, deve dobrar até meados do próximo século, entre os anos de 2030 e 2050, quando então a temperatura média global terá aumentado de dois a cinco graus Celsius.

As previsões estão calcadas na análise do aumento do dióxido de gás carbônico na atmosfera terres-

tre desde o início da era industrial. Esse gás é produzido, sobretudo, em função da queima de combustíveis fósseis — como petróleo, carvão e gás natural. O segundo contribuinte para sua produção são as queimadas. Estima-se que as queimadas detectadas atualmente na floresta Amazônica do Brasil, contribuam em quatro por cento para o aumento da taxa de concentração de dióxido de gás carbônico no planeta.

Os efeitos do aumento do efeito estufa ainda estão sendo estudados, mas possivelmente trarão prejuízos para a população mundial. Para se reverter tantas previsões, Carlos Nobre afirma que a solução estaria na descoberta de fórmulas que possibilitem a conservação de energia. "Quanto menos energia gastarmos, menos dióxido de gás carbônico será produzido", alega.